

A produção bibliográfica atual sobre o tema da pintura de paisagem no Brasil

José Augusto Avancini
UFRGS/CBHA

Resumo

Pretende-se analisar publicações recentes que abordam o tema da pintura de paisagem: seus enfoques teóricos, temporais, espaciais e a contribuição que tais obras trazem para a construção de uma historiografia específica, enfatizando a análise de três publicações editadas sobre o tema. O período histórico em foco medeia entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX até o final dos anos 60. Esses repertórios iconográficos permitem uma visão dessa produção artística e sua comparação com a produção no Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Pintura Brasileira, Pintura de Paisagem, Historiografia da Arte Brasileira

Abstract

The objective of this paper is to analyze recent publications that address the topic of landscape painting: its theoretical, temporal, and spatial focuses and the contribution that these works bring to the construction of a particular historiography, emphasizing the analysis of three publications published on the topic. The historical period in question includes the end of the nineteenth and first half of the twentieth century until the late '60s. These iconographic repertoires provide an overview of this artistic production and its comparison with the production of Rio de Janeiro.

Keywords

Brazilian Painting, Landscape Painting, Brazilian Art Historiography

A produção bibliográfica sobre a pintura de paisagem no Brasil nas últimas três décadas, aponta para um interesse crescente sobre este gênero de produção pictórica associado à renovada curiosidade sobre o tema da identidade nacional, juntamente com a redescoberta e valorização da produção plástica do século XIX e inícios do XX.

Entre 1980 e os dias atuais tivemos a publicação de alguns, na verdade poucos títulos sobre o tema da pintura de paisagem. Marcam o período os seguintes livros: em 1980, o de Carlos Roberto Maciel Levy sobre o Grupo Grimm¹, analisando o momento decisivo de criação e consolidação de um grupo de pintores dedicados ao gênero paisagístico e a formação de um primeiro público, ainda incipiente de admiradores e colecionadores. Desse grupo emergiram Castagneto e Parreiras, que fizeram carreiras opostas, mas com sucesso e reconhecimento. Durante a República Velha tivemos o triunfo oficial e de público de João Baptista da Costa. Que ao lado de Parreiras disputou a preferência do público e da oficialidade.

O livro de Levy nos oferece pela primeira vez um panorama desse grupo formador, com uma boa organização de dados, nunca antes feita e rico repertório iconográfico e fotográfico abrangendo o período em foco. O livro se insere na categoria dos textos que estabelecem pela primeira vez, um conjunto de informações e dados para a constituição de um corpus para pesquisas posteriores.

Seu método de abordagem é o da coleta e organização dos dados com uma interpretação que visa uma compreensão panorâmica do tema com um enfoque cronológico, permeado de considerações sobre o estilo e as peculiaridades de cada pintor e das relações que tiveram com a produção plástica da época. Esta obra é uma referência para a história da arte brasileira e em especial para da pintura de paisagem entre nós.

Em 1982 a Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná editou o álbum *Pintores da Paisagem Paranaense*² que foi reeditado em edições fac-símiles em 2001 e 2005, tal o sucesso tal e a receptividade que a obra obteve. Foi realizado um levantamento e organização do material iconográfico desde Debret até Paul Garfunkel, dando conta dos diversos espaços geográficos que compõem o estado do Paraná. O critério foi geográfico e também cronológico, elaborando

-
- 1 LEVY, Carlos Maciel. **O grupo Grimm** Paisagismo brasileiro no século XIX. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1980.
 - 2 **Pintores da paisagem paranaense**. – edição fac similar. – Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005.

um panorama da geografia e da história do território através da arte. A preocupação da publicação é a de documentar e não o de explorar uma temática artística específica, a da pintura de paisagem e seu desenvolvimento. O álbum é uma tentativa de reunir um repertório vasto no tempo e na quantidade de obras sumariadas, para dar ao leitor uma idéia da construção do imaginário paisagístico que formaria a auto-imagem dos paranaenses sobre si próprios.

O conjunto reunido de imagens é a confirmação das estreitas relações entre paisagem e identidade, com o claro predomínio do fator geográfico sobre o histórico na construção das imagens identitárias do Paraná.

A arte é vista como um elemento ilustrativo de um propósito mais amplo, o de ser documento de época e objeto de análise histórica e de reconstituição de paisagens perdidas e ou alteradas, cenários das marcas da passagem humana no território paranaense.

Foram reunidas obras de 29 pintores dos séculos XIX e XX, estrangeiros, adventícios e nativos que registraram as paisagens das diversas regiões do estado, sendo repartidas as obras segundo os seguintes temas: litoral, serra do mar, planalto, rios e sertões e colonização. A última categoria serve tanto como região ou como tema. Entre as obras selecionadas dos diversos artistas e épocas, destaca-se o planalto como a região preferida e assoma a araucária como a árvore símbolo do estado e elemento característico da paisagem local.

Os quadros selecionados abrangem desde a tradição pictórica romântica de um Debret, às marcas do expressionismo de um Miguel Bakun, sem contudo, se aterem rigidamente aos preceitos de escola. Houve uma preocupação dos artistas com a observação da natureza, sem perderem a ênfase na interpretação pessoal e tributária de suas variadas formações.

O catálogo estabelece um primeiro corpus de obras, visando oferecer uma visão abrangente da produção plástica sobre a paisagem paranaense, organizando o material para posteriores pesquisas. Esse tipo de publicação se insere no tipo do livro-brinde de grandes companhias privadas ou estatais, que tomando temas de ampla aceitação, são isentos de polêmica e aptos a embelezar qualquer coleção ou sala de visita. As edições foram feitas com base na lei de incentivo à cultura, com apoio do estado, do BRDE e de empresas privadas.

A temática de caráter documental não extrapola os limites da arte representacional e não excursiona pelas tendências contemporâneas, que contestam esse tipo de abordagem plástica. As obras selecionadas são de técnicas tradicionais, o óleo, a aquarela e o *gauche*,

com o uso exuberante da cor. Não comparecem o desenho nem as diversas técnicas de gravura. Foi um livro feito para agradar e comover, colaborando com as intenções propagandísticas dos órgãos oficiais e promotores da edição. Essa publicação colaborou na campanha pública e intensiva dos anos 80 e 90, para construir uma imagem diferenciada, assumindo a diversidade cultural e geográfica como o diferencial do estado. A referência as diversas etnias constituintes da sociedade, fariam par com o processo de colonização e a variedade geográfica existente. A validade do catálogo está em ser um primeiro e valioso levantamento da pintura de paisagem produzida, tendo como temática o estado do Paraná.

A terceira publicação é resultado de uma tese de doutorado, publicada em 2002, de Ruth S. Tarasantchi, intitulada *Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 – 1920*³. A autora fez levantamento minucioso da produção pictórica do período e munida de ampla bibliografia, a utilizou procurando adaptar suas leituras ao material analisado. Divide o texto em sete seções, apresentando uma abordagem, ao mesmo tempo cronológica e temática, quando apresenta ao leitor um panorama artístico de São Paulo no período examinado e enfoca o núcleo de pintores italianos radicados no estado ou descendente desse grupo étnico. A autora arrolou 63 pintores, resgatando suas obras e trajetórias, elaborando um catálogo vasto da pintura produzida em São Paulo, então centro econômico emergente no país. A variedade e a qualidade dessa pintura, sinaliza a nova sociedade nascente da riqueza do café e da industrialização. Também elege a Luz como temática de boa parte da produção pictórica analisada. Segue o tratamento do assunto por artista em cada seção, fixando os aspectos básicos de cada obra examinada. A segunda seção intitulada São Paulo, situa o leitor no período histórico examinado, apresentando o estágio de desenvolvimento cultural e econômico da cidade, dando conta dos debates culturais, em especial sobre a pintura de paisagem e o tema dominante do nacionalismo, motivo de acaloradas discussões em torno das idéias e das obras de Clodomiro Amazonas que se fez de arauto dessa tendência. As obras de Almeida Júnior e Benedito Calixto já haviam enfatizado a produção plástica de paisagens e tipos regionais abrindo o debate para a função educativa da pintura ao fixar estes elementos identitários. O excelente álbum

3 TARASANTCHI, Ruth Sprung. / Ruth Sprung Tarasantchi. **Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 a 1920** / Ruth Sprung Tarasantchi – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

contém precioso material informativo, documental e visual estabelecendo um conjunto de obras que possibilitará maiores pesquisas no futuro. Novamente fica explícita a ênfase na relação entre pintura de paisagem e identidade visual regional, como o mote contínuo na produção da maioria dos pintores e como preocupação cultural dominante no período.

O quarto livro editado em 2004 foi o de Samira Margotto, *Cousas Nossas: pintura de paisagem no Espírito Santo – 1930/1960*⁴, também resultado de uma dissertação de mestrado, apresenta uma abordagem teórica baseada na sociologia ao lado de extensa pesquisa de fontes e do acervo de obras que coletou junto ao palácio do governo e da assembléia legislativa do estado. Foram arroladas 23 obras, principalmente de três pintores ativos no período. Sua análise de base sociológica visa examinar as razões da constituição das coleções e de seus significados para época, associados à construção de uma imagem específica do Espírito Santo, diferenciada das outras dos estados dominantes na região sudeste do país. Essa busca de uma representação visual foi calcada nos sítio geográficos significativos do estado e em particular da capital, Vitória. Esses acervos constituíram para as elites locais um espelho onde podiam mirar-se e sentir-se não só reconhecidos, mas também valorizados em algo próprio e distinto.

O livro é dividido em três amplos capítulos, com ênfase no segundo e terceiro, onde a autora analisa o discurso que legitimou a produção e a recepção das obras e no último capítulo, o meio artístico de Vitória e a formação dos artistas locais. Análise calcada principalmente num viés sociológico, de matriz bourdiana, que esclarece o leitor das implicações sociais e culturais desse tipo de produção e a conecta com seu entorno local. Entre os diversos artistas arrolados destaca o trabalho de Homero Massena, pela extensão da obra e pela atuação do pintor no meio cultural.

O trabalho de Samira Margotto é inovador pela temática e pela tentativa teórica de compreender esse tipo restrito de produção cultural e sua inserção no meio da época, ainda muito marcada pela temática da criação de uma identidade cultural regional e nacional, reflexo das políticas do Estado Novo e do processo de modernização que ele desencadeou no país.

4 MARGOTTO, Samira. /Samira Margotto. **Cousas nossas: pinturas de paisagem no Espírito Santo, 1930-1960** / Samira Margotto; prefácio Tadeu Chiarelli ; posfácio Priscila Rufinoni. – Vitória: EDUFES, 2004.

O valor desses livros para a constituição de uma história da arte no Brasil é considerável pelo trabalho de levantamento e organização dos dados e pelo estabelecimento de um primeiro corpus de obras e crítica sobre a pintura de paisagem e suas implicações com o meio artístico e cultural dos séculos XIX e XX. Curiosamente dois livros foram publicados nos anos 80 e os outros dois na presente década, perfazendo um intervalo de cerca de 20 anos entre as edições. Isso talvez nos demonstre um continuado interesse pela pintura de paisagem na historiografia brasileira de arte. Não examinamos as crescentes publicações sobre artistas de variados períodos, muitos dos quais se dedicaram a paisagem. Há hoje, uma extensa bibliografia de monografias sobre diversos artistas dos dois séculos examinados e nos quais a paisagem assumiu um lugar importante entre as temáticas abordadas.

O corte cronológico se dá com a emergência da arte contemporânea entre os anos 60 e 80, fixando esse limite como o ponto de parada para a pesquisa de um gênero artístico considerado já concluído. As novas implicações entre a linguagem artística contemporânea e a paisagem são outro tema amplo a ser pesquisado. Os livros que apontamos são inaugurais na historiografia recente e pioneiros no estabelecimento de um campo específico de pesquisa, marcados pela ordenação dos dados e pela análise de viés sociológico, utilizada para propiciar a compreensão global do fenômeno dessa produção plástica entre nós.